

20/09/2017

Comunicação interpessoal- tipo de interação em que estamos envolvidos de uma forma pessoal, mas também podemos estar menos envolvidos. A forma mais pura é aquela em que estamos envolvidos de uma forma pessoal e que como tal implica sempre aumentar o conhecimento mútuo, partilhar experiências. Com amigos precisamos de falar para nos entendermos. *Na forma mais intensa, a comunicação interpessoal alimenta o conhecimento pessoal mútuo e a criação de sentidos partilhados.* Há uma comunhão de sentidos que nos permite conhecer melhor, a compreensão é mais facilitada. A comunicação interpessoal é o sangue que alimenta as relações significativas que há em vários contextos, familiar, escolar.

Visão quantitativa: enfatiza o numérico (2 pessoas)

Visão qualitativa: “inter”, entre, com o outro - enfatiza a relação, o que se passa entre as pessoas, vendo cada um dos envolvidos como seres únicos e individuais, ao mesmo que sublinha a sua interdependência. A comunicação interpessoal constitui, portanto, um tipo de interação social particular, onde estamos envolvidos de uma forma pessoal.

→ É seletiva, não comunicamos de uma forma íntima com todas as pessoas.

→ É transacional, não há emissor e recetor, todos são emissores e todos são recetores simultaneamente e de forma continuada, a comunicação não é algo que se liga e desliga mas é um processo é algo contínuo. Não tem nem início nem fim, é uma relação que se vai construindo. Há simultaneamente um passado, um presente e um futuro. Comunicar e falar não são a mesma coisa, não começamos a comunicar quando começamos a falar, nem terminamos de comunicar quando paramos de falar. A forma como usamos o espaço, o corpo, o olhar também é comunicação. Já tem uma ideia uma imagem da Sic que implica que mesmo não estando a ver o canal, a sic já está a comunicar.

O sucesso e o fracasso da comunicação é partilhada. Por muito boa que seja a campanha publicitária, nunca sabe se vai conseguir influenciar o público, não consegue controlar algo que é um processo. O sucesso não depende da qualidade do que é emitido, é partilhada.

Todas as partes envolvidas comunicam, de forma simultânea e continuada. Logo, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso da interação é partilhada.

→ É Sistémica: as práticas da comunicação, não são apenas individuais, mas têm também uma dimensão social historia institucional e política.

Ocorre ou faz parte de vários contextos ou sistemas que influenciam a forma como os indivíduos comunicam, a interação e respetivos significados. Contextos situacional, grupal, institucional, societal, cultural...

→ É Processual: *Está sempre em curso e evolui no tempo – nessa medida, o passado, presente e futuro estão sempre em causa e interligados em qualquer interação deste tipo; é algo irreversível.*

→ É Única: como estamos como atores sociais também estamos como seres únicos e individuais.

Em relações interpessoais que vão para lá dos papéis sociais, cada pessoa é única e portanto insubstituível.

→ É Criadora de significados: criamos uma relação com a outra pessoa, significados partilhados que nos podem facilitar, bastar um olhar ou um sorriso para percebermos o que está a acontecer.

Não trocamos apenas palavras; criamos e negociamos significados com o outro, à medida que vamos compreendendo o que o outro quer dizer com o que diz e com o que faz.

Dribelar: ambos são comunicadores. É sistémica, o campo de experiência de cada um não só importa, mas também a relação que há entre a experiência individual e a estrutura social em que se desenvolve a interação. Implica a partilha de significados.

Perspetiva transaccional da comunicação, centra-se na relação entre os comunicadores, na interdependência entre os participantes da comunicação, centra-se na natureza das ações comunicativas.

Mesmo nas situações mais intimas, há um terceiro ausente que é a ordem cultural institucional onde fomos criados. Gramática social e histórica que regula a interação.

No quadro de uma abordagem transaccional da comunicação interpessoal, destacam-se:

- *As relações entre os comunicadores;*
- *A natureza contextualizada ou sistmica das ações comunicativas;*
- *A interdependência entre todos estes elementos;*

Ora, a forma como nos relacionamos uns com os outros, como interagimos com eles, como conduzimos as nossas vidas, são questões centrais na sociologia, enquanto disciplina, interessada sobretudo em compreender as conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos.

Se  verdade que cada um de nós é um ser único e individual, que comunicamos como tal e que  através da comunicação interpessoal que nos conhecemos melhor a nós próprios e aos outros, também é certo que a comunicação interpessoal não é um processo livre, espontâneo ou desorganizado.

Há toda uma ordem (social, cultural, institucional) que regula a forma como interagimos ou comunicamos com os outros, mesmo nas situações mais íntimas.

 uma ordem de que não temos consciência, a maioria das vezes, porque já a interiorizamos, faz parte do nosso "habitus" (Bourdieu, 2003) - por meio de disposições para sentir, pensar e agir, construída no processo de socialização.

Para compreendermos melhor essa ordem, para a interrogarmos de uma forma crítica, para saber por que comunicamos com os outros da forma como comunicamos,  necessário, entre outras coisas, que afastemos ideias preconcebidas e cultivemos a nossa imaginação sociológica.

Como diz Wright Mills (1959), a imaginação sociológica permite que nos surpreendamos com aquilo que quase todos já se acostumaram, e criticar verdades aceitas muito facilmente.

Wright Mills

As ciências sociais da altura estavam essencialmente viradas para satisfazer os interesses das grandes empresas.

A sociologia não deveria ser um campo apenas dos sociólogos mas deveria ser algo em que todos os cidadãos deviam estar envolvidos. Sociologia não uma ciência mas um oficio artesanal, de forma a promover a mudanç social.

Considerava-as uma prática apolítica que serviam interesses administrativos, e transformavam a ciência num trabalho burocrático cujo objetivo era alimentar a ideologia de uma sociedade consumista orientada para o lucro.

As ciências sociais deveriam, sim, tentar compreender os grandes problemas e assuntos sociais para promover a mudanç social.

Mills considera que a sociologia deveria ser prática e deveria ser crítica e radical.

Propõe um novo paradigma de interpretação da realidade, um novo modelo de compreensão do mundo, para os sociólogos e os cidadãos em geral.

 atitude hermética ou fechada da sociologia clássica, opõe a ideia da sociologia como oficio artesanal, alicerçada na imaginação do sujeito epistmico, algo que faz parte da vida, e não uma simples tarefa ou profissão.

Considera que a sociologia não é apenas tarefa dos sociólogos, mas de todos os cidadãos:  esse o apelo que faz no livro "a imaginação sociológica".

"A imaginação sociológica" – Wright Mills

Se os sociólogos pudessem virar-se mais para a sociedade e fazer circular o seu conhecimento que isso poderia ser um motor de mudanç. "Se pudsmos aceitar a definição grega de idiota, a maioria dos cidadãos americanos seriam idiotas". No drama há sempre uma solução, na tragédia não. A tendência

dominante é esta perspectiva trágica da vida. Nos não estamos todos se calhar da mesma maneira apanhados no sistema mas que há uns que têm mais responsabilidades do que os outros quanto a situação em que vivemos, as pessoas com mais poder cujas decisões têm mais consequências.

A pessoa sente-se limitada e sentem-se limitados pela sua orbita privada em que vivem.

O que precisamos é uma qualidade de espírito que nos permita ver o que acontece no mundo e o que acontece no nosso mundo.

Estrutura social

Sistema em que as partes estão interligadas e funciona de forma harmoniosa. Estrutura- relações. Sistema- conjunto de elementos mas não visto como uma mera soma, mas a soma desses elementos mais a soma das relações que esses elementos têm entre si.

Pensar “a sociedade” através da analogia do relógio:

- Um relógio é mais do que a soma das suas peças; é a soma + modo como elas estão montadas, relacionadas entre si;

- a sociedade é + do que a soma das pessoas que estão nela; é também a forma como estão relacionadas entre si.

- Essas relações estão relativamente estabilizadas - é para essa ideia de padrão, de regularidade nas relações sociais, que aponta a ideia de estrutura. Cada peça do relógio desempenha uma determinada ação na sua estrutura.

Há sociólogos, como Talcot Parsons, criticado por Mills, que consideram que a sociedade é um sistema complexo cujas partes funcionam em conjunto para promover a solidariedade e a estabilidade.

Mas será que é assim, que as sociedades funcionam como os relógios, como todos integrados e harmoniosos?

Ao contrário do relógio, não existe um criador externo da sociedade, nem alguém que define as suas finalidades.

As sociedades são criadas pelas pessoas, nas interações sociais. Como não existe um criador externo, as pessoas, os grupos, as instituições podem ter interesses diferentes e visões distintas sobre a forma como deve funcionar a sociedade.

Nesta forma de ver a sociedade, em que se destacam os conflitos de interesses entre os diferentes grupos, ganha importância a questão do poder social, as diferenças de poder.

As sociedades ocidentais capitalistas são sociedades hierarquizadas, organizadas segundo uma divisão de poderes extremamente desigual.

Quando Wright Mills fala de estrutura social está a falar de um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado por relações económicas (e.g. salários), simbólicas (estatuto) ou culturais (escolarização).

Neste quadro, a posição que cada grupo ocupa na estrutura social deriva da desigual distribuição de recursos e poderes.

Imaginação sociológica:

Uma certa qualidade do espírito que capacita o indivíduo a ver para além da sua experiência, do que é visível, e estar consciente das forças históricas e sociais que modelam a mesma.

Uma capacidade de ver as relações entre as experiências privadas, a biografia pessoal, os dispositivos estruturais da sociedade, e o período histórico em que ocorrem essas experiências.

“Estar consciente da ideia de estrutura social e usá-la como sensibilidade... É ter imaginação sociológica” (Mills, 1959).

O que exige a imaginação sociológica?

Compreender as relações que há entre perturbações pessoais

– Ocorrem ao nível individual.

– Ligados à experiência individual e ao ambiente imediato, local.

– Formulação e resolução permanece no indivíduo e no contexto social aberto diretamente à experiência individual.

... e questões públicas

– Transcendem a vida interior do indivíduo e o local.

– Têm a ver com o funcionamento das instituições de uma sociedade num determinado momento histórico. Ameaçam valores públicos.

– Afectam a vida quotidiana do indivíduo ao modelar a estrutura e o funcionamento das instituições económicas e políticas na sociedade.

27/09/2017

Comunicação interpessoal no quotidiano:

É uma experiência banal, mundana e comum.

Tentar desfamiliarizar o que nos é familiar.

Se é verdade que a maioria de nós partilha as mesmas experiências quotidianas, as rotinas e atividades de cada um de nós são estruturadas pela posição social que ocupamos, pelas culturas com que nos identificamos e pelo momento histórico em que vivemos.

• *Condições sociais: a nossa classe social, género, idade, etnicidade, profissão, religião... (ligadas ao acesso a recursos socialmente valorizados – capital económico, capital cultural, capital simbólico (Bourdieu, 2003).*

• *Condições culturais: modos específicos de pensar e agir, visões do mundo através das quais damos sentido às nossas experiências quotidianas e as compreendemos O mundo da vida de cada um de nós é composto pela interseção das forças culturais dos diferentes grupos em nos inscrevemos, e é estruturado pelos diferentes contextos sociais em que operamos.*

• **Condições históricas:**

– as sociedades ocidentais contemporâneas estão marcadas por tensões entre regulação, certeza, controlo, por um lado, e movimento, mudança, incerteza, por outro

– Profundamente racionalizadas e burocratizadas, como nos mostra Max Weber e Simmel, onde se espera que cada um de nós aja de uma forma previsível, seguindo modelos socialmente definidos: a força dos papéis burocráticos (e regras subjacentes), da profissionalização

– mesmo as nossas respostas emocionais podem ser comandadas, exigidas e impostas pelas regras burocráticas e princípios racionais; imperativos racionais: ordem, eficiência

– Subordinadas à lógica do dinheiro, seja, dos custos-benefícios, do cálculo

– Individualistas: face às forças impessoais de uma sociedade racionalizada e burocratizada, adoção de um “estilo pessoal” (idiossincrático, mas também comum) para expressarmos do que consideramos ser o nosso verdadeiro eu.

– Fim das grandes narrativas, das certezas, dos fundamentos seguros, das identidades seguras.

A própria racionalização dos papéis de cada um nos leva a um distanciamento. Um médico na interação com o doente é suposto ser objetivo por um lado, mas é suposto também criar algum tipo de empatia com o doente.

O clima de instabilidade e incerteza, faz com que a questão da identidade seja algo que vamos contruindo.

O normal é o normativo, não é o natural. Tem a ver com normas.

Wright Mills propõe que toda agente desenvolva o que ele chama de imaginação sociológica como forma de ultrapassar o sentimento trágico da vida. Recusar aceitar as evidências daquilo que damos como certo. Pôr isso entre parênteses, questionar. Voltar a repensar e a ver de outra maneira as nossas certezas.

A sociologia deve ser um ofício, trabalho de todos os cidadãos e não apenas dos sociólogos.

A invenção sociológica para ele é uma capacidade que se desenvolve.

Privado em termos políticos: sentido puro que nos remete para o público, para a vida em comum, coletiva. Compreender o privado em termos públicos, o individual em termos sociais, no sentido coletivo. O que me acontece a mim está relacionado com o que acontece com os coletivos de que faço parte. As oportunidades

que eu tenho não tem a ver só com as minhas limitações pessoais, mas com as oportunidades que esses coletivos em que me inscrevo têm e não têm.

A promessa da imaginação sociológica, uma maior autocompreensão. A imaginação sociológica pode contribuir para uma cidadania ativa.

Vários coletivos que influenciam o individual, e cada individual se apropria desses coletivos à sua maneira. Sou rapariga, jovem... mas aproprio-me dessas características à minha maneira.

Ter imaginação sociológica:

- É ter a capacidade de compreender como a nossa biografia individual se entrelaça com as dos outros que ocupam posições sociais semelhantes e vivem no mesmo período histórico.
- É ter a capacidade de ver o social no individual, o geral no particular. Ter consciência da interdependência entre o nós social e o eu individual.
- É ter consciência que a experiência individual é sempre o que é porque ocorre uma transação entre o indivíduo e o contexto em que ele está e que estes contextos, sociais, culturais, históricos são modelados por instituições e grupos poderosos, ou seja, são profundamente marcados por relações de poder, mais ou menos desiguais.

O que é se torna relevante? Que aspetos salientamos?

Segundo a perspectiva de Wright Mills, a comunicação interpessoal, para além da vertente pessoal tem também uma expressão de ordem cultural mesmo que não seja intencional. Deste modo, a separação entre indivíduo e sociedade é artificial, mas condicionada por uma ordem que nos impõe determinados comportamentos, posturas,... Nas situações de interação social existem condicionantes de diferentes ordens que podem influenciar a interação: condicionantes de ordem social, cultural e histórica.

Relativamente à ordem social, fatores como o género, a idade e o capital simbólico têm grande influências nas interações, embora nem sempre de forma direta. Já na ordem cultural, apesar da subjetividade na forma como vemos o mundo, haverá sempre uma base idêntica aos coletivos de que se faz parte, ou seja, o que me acontece a mim está relacionado com os coletivos em que estou inserido. Em relação às condicionantes históricas, a interação é condicionada pelo passado histórico e pelo tipo de sociedade atual, ou seja, uma pessoa que tenha um passado histórico diferente do nosso, terá uma interação diferente.

Em suma, as interações interpessoais apesar de todo o seu carácter individualista, são inevitavelmente e inconscientemente influenciadas por uma ordem cultural que vai para além dos indivíduos, ou seja, o indivíduo constrói a sociedade e a sociedade constrói o indivíduo.

Leituras:

The Sociological Imagination: Chapter 1 : The Promise – Mills

O que as pessoas comuns estão diretamente conscientes e o que tentam fazer é delimitado pelas órbitas privadas em que vivem; Suas visões e seus poderes estão limitados a cenas de trabalho, família, bairro; De outras maneiras, eles se movem vicariamente e permanecem transeuntes.

E quanto mais conscientes se tornam, por mais vagas que sejam, ambições e ameaças que transcendem seus locais imediatos, mais presos parecem sentir

O bem-estar que eles gostam, eles geralmente não imputam aos altos e baixos das sociedades em que vivem

Raramente conscientes da intrincada conexão entre os padrões de suas próprias vidas e o curso da história mundial, as pessoas comuns geralmente não sabem o que essa conexão significa para os tipos de pessoas que estão se tornando e para os tipos de história na qual eles podem participar.

Eles não podem lidar com seus problemas pessoais de forma a controlar as transformações estruturais que geralmente estão por trás deles.

Em defesa da individualidade - tornam-se moralmente insensíveis, tentando permanecer completamente particulares. Não é de admirar que elas sejam possuídas pelo senso da armadilha. a imaginação social permite que ele leve em conta a forma como os indivíduos, na confusão de sua experiência diária, muitas vezes tornam-se falsamente conscientes de suas posições sociais.

A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre os dois dentro da sociedade. Essa é a sua tarefa e a sua promessa.

Nenhum estudo social que não volte aos problemas da biografia, da história e das suas interseções dentro de uma sociedade completou sua jornada intelectual.

Berger e Luckman- A construção social da realidade

1 – A Realidade da Vida Quotidiana

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido

Formando um mundo coerente através das suas ações. Para esclarecer os fundamentos do conhecimento da vida fala-se em Análise Fenomenológica.

O mundo apresenta-se através de múltiplas realidades.

Mudamos de realidade e dá-se um “choque”, como por exemplo o acordar de um sonho.

Sendo assim, apreendemos a realidade da vida cotidiana como uma realidade predominante, realidade ordenada, onde os fenômenos estão dispostos em padrões. Esta apresenta-se objetivada.

A realidade cotidiana gira em torno do aqui e agora, embora abranja também fenômenos que não estão aqui e agora, revelando diferentes graus de aproximação e distância.

A realidade cotidiana apresenta-se então como um mundo intersubjetivo, na medida em que o partilho com os outros, o que permite diferenciar a vida cotidiana de outras realidades.

A vida cotidiana apresenta-se também através de rotinas, situações contínuas na nossa vida. Quando essa rotina segue continuamente sem interrupções, estamos perante situações não-problemáticas. Assim que vemos essa rotina quebrada por algum acontecimento que não pertence à nossa rotina, então estamos perante uma situação problemática.

Em relação à vida cotidiana, esta encontra-se estruturada espacial e temporalmente.

A temporalidade é algo intrínseco da consciência:

- Existe sempre uma ordem
- Existe sempre um padrão de tempo
- É algo complexo porque os diferentes níveis de temporalidade devem estar correlacionados
- O tempo já existe antes de nascer e vai existir depois de morrer
- Não posso inverter a ordem das coisas

2 – A Interação Social na Vida Quotidiana

A realidade da vida cotidiana é partilhada com os outros

A mais importante experiência ocorre face a face, sendo este o caso prototípico da interação social. Isto porque a situação face a face é vivida pelas duas pessoas, no mesmo aqui e agora.

Relações face a face são flexíveis, ou seja, é difícil impor padrões, no entanto, apresentam-se padronizadas dentro da vida cotidiana.

Neste sentido, percebemos que existem esquemas tipificadores que ditam os comportamentos da conversa. É através deles que lidamos e apreendemos os outros. Todas estas tipificações afetam a minha interação com o outro.

Os esquemas são recíprocos e podem ser reformulados e negociados durante a conversa.

As tipificações da interação social vão tornando-se anónimas à medida que se afastam da situação face a face.

Exemplo: conheço uma pessoa inglesa. Apreendo-a como alguém que terá gostos e comportamentos ingleses, segundo as minhas tipificações em relação aos ingleses. Quando finalmente conheço a pessoa inglesa pessoalmente, ela romperá com essa ideia tipificada, tornando-se alguém único e saindo do anonimato.

Percebemos então que a vida cotidiana é apreendida segundo várias tipificações que se vão tornando anónimas à medida que se afastam do aqui e agora.

3 – A Linguagem e o Conhecimento da Vida Quotidiana

A realidade vida cotidiana é possível graças às objetivações, destacando a significação, ou seja, a produção humana de sinais.

Estes sinais agrupam-se segundo sistemas, como o de sinais gesticulatórios, de movimentos corporais padronizados, etc. A linguagem, definida como sistema de sinais vocais, é o mais importante da sociedade humana. A linguagem permite comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade do aqui e agora. Acaba por ser, como diz o autor, “um repositório objetivo de vastas significações e experiências”.

A linguagem tem grande impacto nas relações face a face, visto que existe uma reciprocidade que a distingue dos outros sistemas de sinais. Sendo assim, os meus próprios significados subjetivos passam a ser objetivos.

Sendo um sistema de sinais, a linguagem tem a qualidade da objetividade. Como refere o exemplo do autor, não podemos falar inglês usando regras de sintaxe alemã, revelando que temos de entrar nos padrões da linguagem.

Percebemos então que a linguagem constrói símbolos, sendo que a linguagem e o simbolismo tornam-se fulcrais na vida cotidiana.

Vivemos num mundo de sinais e símbolos todos os dias.

É importante ainda reparar que existe um acervo social do conhecimento que é passado de geração em geração. Sendo assim, a minha interação com os outros é afetada participação no acervo social e da forma como apreendo o mundo.

O autor dá o exemplo de ser pobre. Enquanto os presentes na minha sociedade distinguem alguém pobre com base no conhecimento da sociedade, um estrangeiro pode ter dificuldade em apreendê-lo na minha sociedade, uma vez que ser pobre na sua sociedade pode ter dimensões diferentes.

Sendo assim, a participação no acervo social permite a “localização” dos indivíduos na sociedade.

É importante finalizar dizendo que há certas zonas da realidade social que ainda permanecem na sombra. Não podemos conhecer tudo o que há para conhecer, pelo que não partilhamos do mesmo conhecimento com todos os outros.

04/10/2017

A dualidade da realidade social: objetiva e subjetiva

Dimensão objetiva:

- embora produzida pela ação social, a realidade social aparece ao indivíduo como estando separada dele, como algo independente, exterior a ele.

Dimensão subjetiva:

- a realidade social é interiorizada durante o processo de socialização e reproduzida nas interações quotidianas, na rotina do dia à dia, onde fazemos as coisas sempre da mesma maneira, i.é, cumprimos rituais, mas também onde somos capazes de lidar com o imprevisto, com os acontecimentos.

Somos os criadores da realidade social que partilhamos com os outros. Mas também somos criaturas dessa realidade, já que rapidamente nos tornamos prisioneiros dessa realidade, reificando-a.

O que é a intersubjetividade?

- É uma forma de ser com e para o outro. Não há uma linha clara de demarcação entre o eu e o outro, pois o nosso eu só existe apenas em relação aos eus dos outros membros dos grupos com os quais nos identificamos.

- A forma do ser-no-mundo como auto-expressão do sujeito implica necessariamente a forma de ser-com-o-outro que é, justamente, a forma de relação intersubjetiva.

- Naturalmente, não somos apenas o que é comum a todos; cada eu individual é diferente do outro, mas tem que haver essa estrutura comum para que possamos ser membros de uma comunidade.

O papel do senso comum na construção social da realidade, da vida quodiana

- O conhecimento do senso comum é o tecido de significados partilhados sem o qual nenhuma sociedade “existe”.

- É comum não por ser banal, mas porque é um conhecimento compartilhado entre os atores sociais. Sem significado compartilhado, não há interação.

- O conhecimento do senso comum não é constituído apenas de significados; nem apenas uma coleção de significados compartilhados; decorre da partilha, entre atores, de um mesmo método de produção de significados (Garfinkel, 1967).

- Portanto, os significados que integram o senso comum são reinventados continuamente na interação quotidiana, ao invés de serem continuamente copiados.

Fornece esquemas tipificadores dos outros (estereótipos), dos acontecimentos, das experiências e das situações (guiões) que delimitam um horizonte de expectativas sobre como se portar junto ao outro no interior de determinadas circunstâncias,

- Em face de cada nova situação, o ator agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão idênticas àquelas que se apresentaram da última vez e que, do mesmo modo, os efeitos obtidos por ações idênticas serão, também eles, idênticos.

Este tipo de conhecimento é formado por receitas fundadas na experiência para “interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas, de forma a obter em cada situação, os melhores resultados possíveis com o mínimo esforço, evitando consequências indesejáveis.” (Schutz, 1967, p. 83). Nesta disposição, agir racionalmente, envolve frequentemente aplicações mecânicas de precedentes.

Esquemas tipificadores dos outros, dos acontecimentos, das experiências e das situações

- Ao cristalizarem a experiência, permitem conferir estabilidade à vida social, permitem aos atores «agir como sempre» em face de circunstâncias idênticas, tipificando os acontecimentos, os outros e as situações, com recurso a um conjunto de conhecimentos pré-adquiridos.

- Esses conhecimentos, interiorizados ao longo do processo de socialização, são aquilo a que Berger & Luckman chamam o senso comum.

Fornece normas que regulam ou controlam as manifestações da vida quotidiana, incluindo as práticas de comunicação face-a-face, nas suas diversas vertentes.

- Pode assemelhar-se a um fecho de luz que projeta um caminho e nos permite ver um pouco do que está à nossa frente e à volta, deixando o resto escuro.

- O senso comum é seletivo, tem a sua estrutura de importância, valoriza e desvaloriza, simultaneamente.

O senso comum está socialmente distribuído, ou seja, nem todos partilham o mesmo grau de conhecimento.

Berger e Luckman defendem que a linguagem é a base e também o instrumento principal da construção social da realidade.

A linguagem funciona como um repositório do senso comum e como meio através do qual o mesmo é reconstruído de forma contínua.

A linguagem não é um instrumento apenas. Impõe-se como algo de externo, que nos força a entrar nos seus padrões (somos falados mais do que falamos; fala quem pode, e não quem quer)

Tem a capacidade de comunicar significados que não são expressão direta da subjetividade e do “aqui e agora”, funcionando assim com um repositório objetivo de conhecimento transmitido de geração para geração, do conhecimento do senso comum.

Por meio da linguagem, o mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento, mesmo quando estou a falar comigo mesmo, tornando presente os ausentes.

A estrutura de uma determinada língua corresponde a uma determinada maneira de interpretar e classificar a realidade.

- Oferece apenas uma versão entre outras possíveis da realidade. Várias versões da realidade são o resultado de diferentes línguas, ou comunidades linguísticas.

Sob essa base linguística, estão modelos interpretativos, normas, visões do mundo, representações socialmente partilhadas, o senso comum.

Ao aprendermos uma língua, não só estamos a aprender a ver a realidade de um determinada maneira, como estamos também a aprender agir de determinada forma, e não de outra, interiorizando assim normas de comportamento.

A comunicação interpessoal é, então, um processo de produção e de mediação do senso comum, no qual é crucial a produção e reprodução das estruturas sociais.

As conversas quotidianas, sendo uma forma particular de comunicação interpessoal, são vistas por Berger & Luckman, como essenciais neste processo.

A comunicação interpessoal à luz de Berger & Luckmann

1º A comunicação interpessoal não é apenas um fenómeno social. Ela é a base de toda a interação social e, como tal, daquilo a que chamamos “a sociedade”. Porquê?

- Através da comunicação interpessoal, nomeadamente, através das conversas do dia-a-dia, construímos o conhecimento do senso comum que constitui o tecido de significados partilhados, sem o qual nenhuma sociedade existe e a comunicação não seria possível.

- A comunicação interpessoal pressupõe intersubjetividade, orientação para o outro, isto é, negociação sobre a natureza da relação estabelecida, para que os participantes orientem suas ações. Portanto é através dela que vamos construindo as relações sociais.

- Mas é importante enfatizar a questão do poder: nessa negociação há uns que podem mais do que outros – por isso importa perguntar quem tem o poder de definir mais legitimamente o que está acontecendo ou, numa dimensão mais individual ainda, o que alguém ou alguma coisa é. Portanto, as hierarquias sociais reproduzem-se in situ.

- Os esquemas de situação, que fazem parte do senso comum, indicam como interagir com o outro, tornando coerente uma cadeia de sentidos e um vocabulário de motivos. Isto quer dizer que os episódios de comunicação interpessoal ocorrem sempre num tipo convencional de conversação, associado a um horizonte de possibilidades específico. Tal contribui para criar padrões de comportamento e de relações sociais.

- A comunicação interpessoal obedece a padrões ou esquemas convencionais de interação, mas é também negociada, ou seja, feita de escolhas e de adaptação mútua entre os participantes e sempre, de uma forma mais visível ou invisível, permeada por relações de poder. Portanto, tem um papel importante na construção social da realidade.